



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação  
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

## **BOVARISMO VIRTUAL E HETERONOMIA: considerações sobre a identidade na cibercultura<sup>1</sup>**

**Maria Lúcia Becker**

Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (IA/UNICAMP)  
Doutoranda em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes  
da Universidade de São Paulo (ECA/USP)

### **RESUMO**

O trabalho traça paralelos entre as características do bovarismo e as do “ciber-relacionamento”, mostrando que a obra de Flaubert, *Madame Bovary*, oferece muitos elementos-chave para a compreensão de diversos aspectos da condição humana na cibercultura. Entendendo o “bovarismo virtual” como a “má consciência” do espírito moderno presente na tecnoteleologia, avalia que a autonomização da imagem tem a oferecer como produto apenas a heteronomia e não o sujeito autônomo, assim como a busca do ideal presente no romance ofereceu a Emma Bovary apenas fantasmagorias.

### **PALAVRAS-CHAVE:**

Cibercultura, identidade, bovarismo virtual.

### **1. Introdução**

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no NP08 – Núcleo de Pesquisa Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Salvador/BA, 04 e 05. setembro.2002.

Se “Madame Bovary”, de Gustave Flaubert, permitiu aos leitores do século XIX um aprofundamento excepcional de sua compreensão sobre a condição humana, para os do século XXI certamente não guarda menor contribuição.

Flaubert colocou em discussão a condição romântica, por ele entendida como grande inquietação de sua época, dadas as distorções no sentido de realidade advindas da leitura excessiva de romances. De “Madame Bovary” surgiu, então, o conceito de “bovarismo”, elaborado por Jules de Gaultier para designar o poder do homem de se conceber outro do que se é<sup>1</sup>.

Hoje, entretanto, quando prevalece a chamada condição pós-moderna, a discussão se dá em torno da definição de o quê realmente se é, havendo proposições no sentido de “identidades múltiplas”, “identidades alternativas”, “fragmentação do eu”, “identidades fluidas” etc. E, mais que isso: com o desenvolvimento das ciber-relações<sup>2</sup>, o próprio sentido de realidade é colocado em questão, podendo-se ser outrem *virtual*, que ganha existência *real* no reconhecimento de outros indivíduos *virtuais* e no desenvolvimento de experiências *reais* de relacionamento num espaço *virtual* (sem extensão) e num tempo *real* (sem duração).

Apesar disso, ou exatamente por isso, “Madame Bovary” mantém-se extremamente atual, oferecendo, como se pretende indicar no estudo a seguir, mais elementos-chave para se pensar alguns aspectos fundamentais da vida contemporânea do que poderia parecer à primeira vista.

## 2. Noutro mundo

Emma Bovary lia romances, identificando-se com personagens, integrando-se às fantasias, distanciando-se do aqui-agora:

---

<sup>1</sup> Conceito que será retomado mais adiante a partir da compreensão ampliada por Hossne (cf. Hossne, A. S. em *Bovarismo e romance: Madame Bovary e Lady Oracle*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000).

<sup>2</sup> Relações interpessoais anônimas mantidas no *cyberspace* (compreendido aqui como o “*cyberspace* de rede” e não qualquer dispositivo *multimedium*; isto é, segundo Trivinho, como “o largo e indefinido intervalo imaterial existente entre terminais das redes infoeletrônicas, em especial as internacionalizadas” – cf. Trivinho, E. *Redes: obliterações no fim do século*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1998, p. 116). O termo ciber-relações deve ser compreendido, neste texto, então, como as relações estabelecidas, através das inforredes, predominantemente na esfera privada (contexto de amizade, amor, sexo, terapia etc), ou seja, não incluindo relações comerciais, políticas, profissionais, artísticas, acadêmicas, religiosas, diplomáticas etc.

“Era uma existência superior às outras, entre o céu e a terra, nas tempestades, alguma coisa de sublime. Quanto ao resto do mundo, desaparecia, sem lugar determinado como se não existisse”.<sup>3</sup>

Sentada em seu quarto, ou mesmo à mesa durante as refeições, viajava para além do espaço e do tempo, embalada pelo movimento sem movimento que o romance possibilita ao leitor. Uma deslocação por desdobramento (de identidade) semelhante à inaugurada pelo teatro antigo, chamado, por Paulo Virilio, de “o primeiríssimo veículo estático”. Por meio da sujeição do ator e do espectador, instaurando-se o “fenômeno da posse de um corpo próprio por uma imagem, uma imagem mental”, tragédias e comédias proporcionavam “a viagem sem viagem”.<sup>4</sup>

Preocupado com a “motilidade imóvel”, Virilio traça paralelos entre o teatro antigo e as atuais tecnologias interativas promotoras da tele-presença, concluindo que “a questão filosófica já não é propriamente: Quem sou eu na realidade? – mas sim: Onde estou neste instante?”.<sup>5</sup> Obviamente uma coisa está ligada à outra: localização indica situação, posição no mundo e diante do mundo. E aí, apesar do pioneirismo do teatro, algumas aproximações entre romance e *cyberspace* podem ser mais reveladoras.

Pela leitura de romances, Emma ia a Paris, pois “parecia-lhe que certos lugares da terra deviam dar a felicidade, como planta peculiar ao solo que não se dá bem noutra parte”.<sup>6</sup> Lá, inseria-se na sociedade dos embaixadores e duquesas, ou tomava parte numa legião lírica de mulheres adúlteras, tornando-se um dos “tipos amorosos” característicos das heroínas dos romances.

Segundo Benjamin, o leitor de um romance é completamente solitário, mantendo com a matéria de sua leitura uma relação de apropriação destruidora e, ao mesmo tempo, criadora, como o fogo que devora a lenha da lareira e produz o calor: “A tensão que atravessa o romance se assemelha muito à corrente de ar que alimenta e reanima a chama”.<sup>7</sup> Para Geog Lukács, o romance é “a forma do desenraizamento transcendental”, separando “o sentido e a vida, e, portanto, o essencial e o temporal”.<sup>8</sup>

<sup>3</sup> Flaubert, G. *Madame Bovary*. Primeira parte, capítulo IX.

<sup>4</sup> Virilio, P. *A inércia polar*. Lisboa: Dom Quixote, 1993, p. 126-127.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 127.

<sup>6</sup> Flaubert, op. cit., primeira parte, capítulo VII.

<sup>7</sup> Benjamin, W. “O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1993, p. 213.

<sup>8</sup> *Apud* Benjamin, op. cit., p. 212.

É este grau de imersão, esta intensidade de envolvimento que encontrará paralelo na relação dos indivíduos com o universo virtual da inforrede mundial. Tanto que se pode identificar na frase de Flaubert – “quanto ao resto do mundo, desaparecia...” – e na submissão do real ao imaginário realizado pela senhora Bovary a ocorrência de um fenômeno bastante próximo da seguinte descrição feita por Trivinho:

“Na experiência do *cyberspace*, opera-se, no âmbito simbólico pessoal, um trabalho psíquico de esquecimento em prol de uma (con) fusão fatal entre ser e mundo produzido e organizado pela tecnologia avançada: é como se se prescindisse não só dos problemas de socialização e da sociabilidade ordinárias, mas também do operador psíquico residual do princípio de realidade, o ego; não só do espaço, mas também do solo e da gravidade; não só do tempo, mas também, por assim dizer, da vida, a começar por seu aspecto primevo, biológico”.<sup>9</sup>

A palavra solidão, usada por Benjamin, remete à idéia de reclusão e busca de fendas por onde se possa acessar algum grau de liberdade – encruzilhada em que também podem ser encontrados tanto leitores de romance como usuários de Internet. Emma lia romances desde a adolescência, quando era aluna interna no Convento das Ursulinas; depois de casada, continuou a lê-los, para que “os campos enfadonhos, os burguesinhos imbecis, a mediocridade da existência” lhe parecessem uma exceção no “imenso país da felicidade e das paixões”.<sup>10</sup> Em igual ou maior medida, no dia a dia atual das grandes cidades, a tela do computador passa a ser mais do que uma fenda através da qual se pode escapar sem riscos do cerco das normas e dispositivos de segurança: é a própria porta que permite não só a saída do reduto doméstico (em direção ao trabalho, às compras, à diversão, à informação, ao encontro com amigos e parentes, à participação política etc.), mas também a entrada em mundos ou ambientes considerados mais interessantes, inteligentes, coloridos, fascinantes do que os acessados na pálida mesmice da vidinha ordinária obrigatória.

Entendidos como matrizes processadoras dos sentidos de um tempo, tanto o teatro antigo e o romance como as ciber-relações expressam alterações profundas na sociedade. A tragédia “expressava o conflito do homem grego que começava a se tornar cidadão”, como explica Hossne:

---

<sup>9</sup> Trivinho, E, *Cyberspace: crítica da nova comunicação*, São Paulo: Biblioteca da ECA/USP, 2000, p. 284.

“O universo da religião grega e o universo da *pólis* contradizem-se em alguns aspectos. Na religião grega, todos recebiam seu quinhão da partilha divina, e o Destino, lei maior e suprema, submetia a todos, incluindo os deuses. No universo da *pólis*, o homem é agora um cidadão. Surge a lei da cidade para organizar a vida de todos”.<sup>11</sup>

O romance emergiu das contradições entre as concepções e valores do mundo feudal e aqueles do mundo capitalista em ascensão com a industrialização, o crescimento das cidades, novas descobertas científicas e tecnológicas e a exigência de um modo de ser pessoal condizente com a dinâmica racionalista da época. Dom Quixote, por exemplo, considerado o marco do início do romance moderno, se dividia entre sonho e realidade na crítica às novelas de cavalaria típicas do período que se queria deixar para trás.

Quanto às ciber-relações, não é preciso apresentar uma longa lista de argumentos para demonstrar o vínculo com as transformações pelas quais tem passado a sociedade desde meados do século XX. Dois pontos em que a força atingida pelo redemoinho das mudanças ocorridas no século XIX pode ser equiparada à dos acontecimentos mais recentes, no entanto, merecem ser lembrados, ambos relacionados com a questão do espaço-tempo. O primeiro diz respeito à cidade: se no século XIX, “a atração cidade/campo esvaziou o espaço agrário de sua substância (cultural e social)”, no final do século XX, o espaço urbano perde sua realidade geopolítica em benefício de sistemas de deportação: “deportação de pessoas no remanejamento da produção, deportação da atenção, do face a face humano, do contato urbano, para a interface homem/máquina”.<sup>12</sup> O segundo constitui-se das implicações das mudanças na própria noção de espaço e tempo: a leitura de romances, cuja difusão se torna possível com a invenção da imprensa, populariza na sociedade do século XIX a idéia de um tempo e de um espaço como quantidades contínuas, mensuráveis, dentro do princípio da repetibilidade, uniformidade e extensão<sup>13</sup>; já a cibercultura dissemina a primazia do ponto sobre a linha, de imagens instáveis (digitais, caracterizadas pelo aparecimento/ desaparecimento) sobre as imagens estáveis

---

<sup>10</sup> Flaubert, op.cit, primeira parte, cap. IX.

<sup>11</sup> Hossne, op.cit, p. 271.

<sup>12</sup> Virilio, P. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993, p. 12. Embora o autor não explicita, é óbvio que a citação do esvaziamento do campo no século XIX tem como referência a Europa. No Brasil, por exemplo, estes acontecimentos terão lugar apenas a partir da década de 50 do século XX. Quanto ao esvaziamento atual do espaço urbano, entretanto, pode-se dizer que se refere à maior parte do mundo.

<sup>13</sup> Cf. McLuhan, M. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1999, p. 195-204.

(dado o suporte físico de pedra, madeira, ou papel), de “formas imagens compostas por pontos *sem dimensão* e instantes *sem duração*”,<sup>14</sup> da idéia de descontinuidade sobre a de extensão.

### 3. Divisão, desdobramento, “bovarismo”

Com “Madame Bovary”, Flaubert discute o espírito romanesco, seu lirismo, idealizações e distanciamentos da realidade, defendendo o chamado sujeito do iluminismo: “centrado, unificado, dotado das capacidades da razão, de consciência e de ação”.<sup>15</sup> Ao mesmo tempo, no entanto, sua obra demonstra que este sujeito indiviso não existe e expressa a própria formação do autor, composta “de dois compartimentos inteiramente distintos, um senso do real e um senso do romântico”.<sup>16</sup>

Como contrapartida ao positivismo, ao racionalismo e à ordem capitalista, o século XIX produz o “eu” romântico, que, no interior de uma mesma identidade, não substitui o “eu” realista, mas convive com ele dentro de um movimento dinâmico de manifestações recorrentes de uma e de outra posição de sujeito; de um sujeito, assim, descentrado.. Trata-se, portanto, de uma divisão que produz frações – ao mesmo tempo complementares e contraditórias –, podendo tal fenômeno ser apreendido, com Baudelaire, como a composição do “duplo caráter de cálculo e de fantasia, que constitui o ser perfeito”.<sup>17</sup> Mas pode ser apreendido também por meio da idéia de confronto e conciliação entre um “padrão autorizado” (a imagem que o século teceu para si) e uma “má consciência”, como faz Hossne a partir de Todorov, esclarecendo que a noção de bovarismo vai muito além do “conceber-se outro do que se é”, pois trata-se de “carregar o outro de uma época” anterior. Ou seja, Emma Bovary encarnava a “má consciência no seio da consciência aceita por sua época”, revelando as dicotomias entre o padrão composto pela racionalidade, cientificismo, economia capitalista, religiosidade e moral e aquilo que não podia ser aceito por esse padrão: a fantasia, os sentimentos exacerbados, a irracionalidade, hábitos aristocráticos

<sup>14</sup> Sobre o afastamento das “dimensões analógicas” e da “temporalidade tida como linear”, cf. Virilio, *O espaço crítico*, op. cit, p. 24-25, 27, 37 e 83.

<sup>15</sup> Como descreve Hall, diferenciando-o do “sujeito sociológico” e do “sujeito pós-moderno” – cf. Hall, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 10.

<sup>16</sup> Henry James, *apud* Carvalho, B. “Esquizofrenia saudável”, in *Folha de São Paulo*, 30 dez 2000, disponível em <http://www.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3012200018.htm>. Acesso em 25 mar 2002.

<sup>17</sup> Baudelaire, C. *Critique de Madame Bovary*. Disponível em <http://www.wanadoo.fr/jb.guinet/pages/ baudelaire.html>. Acesso em 21 mar 2002.

identificados ao universo romanesco e tudo o que caracteriza a heroína tradicional de romances.<sup>18</sup>

O projeto do iluminismo, de dissipação das trevas da ignorância, de emancipação, de concretização dos ideais modernos de liberdade, igualdade e fraternidade perdeu sua credibilidade como “grande narrativa” na cultura pós-moderna, tanto por conta do progresso das técnicas e tecnologias, “que deslocou o acento para os meios de ação em detrimento dos seus fins”,<sup>19</sup> como devido ao fracasso dos movimentos libertários em viabilizar a sonhada transformação social e à reedição do capitalismo liberal, entre outros fatores. E a idéia de sujeito como todo coeso e unitário, autônomo, senhor da técnica e da história, foi desconstruída especialmente por Freud, com a noção de *id*, *ego* e *superego* permanentemente em conflito, a explicação dos processos de censura e repressão desenvolvidos no inconsciente, a existência de forças alheias ao conhecimento e controle do “eu” determinando suas ações.

Mas este projeto e este sujeito são recuperados pela cibercultura.<sup>20</sup> Na tentativa de deixar para trás o contexto pós-moderno, o ciberespaço reivindica para si o caráter de “materialização técnica dos ideais modernos”, onde a igualdade estaria se concretizando “na possibilidade de cada um transmitir a todos; a liberdade toma forma nos *softwares* de codificação e no acesso a múltiplas comunidades virtuais, atravessando fronteiras, enquanto a fraternidade, se traduz em interconexão global”.<sup>21</sup> O que sinalizaria a gestação, segundo Trivinho, de um pós-modernismo *neotecnoteológico*, “trânsito para algo assim como a ‘pós-pós-modernidade’”:

“Se, por um lado, essa formação sociotécnica não significa um retorno à totalidade dos mananciais pregressos (tradição e modernidade), por outro, ela também não se coaduna com determinadas tendências de sua fonte mais próxima (a pós-modernidade), antes sinalizando para um (possível) novo reordenamento da sociedade tecnológica, com potencial de, se não de

<sup>18</sup> Hossne, op. cit, p.276-278.

<sup>19</sup> Lyotard, J-F. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 1989, p. 79.

<sup>20</sup> Por cibercultura entende-se aqui a nova condição da sociedade a partir da possibilidade criada pelas redes infoeletrônicas de uma relação com a imagem como campo-alteridade. O conceito abrange, portanto, não apenas os “objetos, processos, comportamentos e relações internos ao *cyberspace*”, mas uma configuração social-histórica, uma nova realidade antropológica e política, “um quase-sinônimo propriamente de sociedade ou de organização social” ((Cf. Trivinho, E. *O mal esta da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual*, Rio de Janeiro: Quartet, 2001, p. 211-227)

<sup>21</sup> Lévy, P. “Revolução virtual”, in *Folha mais!*, 16 ago 1998. Disponível em <http://www.uol.com.br/fsp/mais/fs16089803.htm>. Acesso em 20 ago 1998.

reversão, ao menos de relativização do caráter incerto dos valores até então reinante”.<sup>22</sup>

Este “padrão autorizado” pós-pós-moderno, baseado no racionalismo, cientificismo, economia capitalista e, principalmente, no “messianismo tecnológico”<sup>23</sup> funda a meta-narrativa do ciberespaço: a “sociedade do conhecimento”, onde há lugar privilegiado, senão exclusivo, para a informação, conhecimento, cidadania, transparência, democracia, objetividade, comunidade, partilha, integração, igualdade, liberdade e todos os demais elementos convergentes e coerentes com esta lógica. E, a exemplo do século XIX, esta “consciência” do século XXI carrega consigo também a sua contraposição, a má consciência da época: anonimato, individualismo, hedonismo, fragmentação do eu, exacerbação das sensações, efemeridade das relações e todas as incertezas, descentramentos e discontinuidades tidas como consonantes com o espírito pós-moderno. Enquanto a má consciência do século XIX tinha como sua depositária a mulher (em especial a dona de casa pertencente à pequena burguesia) leitora de romances, a do século XXI é encarnada principalmente pelos jovens e adolescentes pertencentes à elite sócio-econômica e cultural aficionados das ciber-relações.

Na inforrede mundial, a tentativa de resgate do sujeito – centrado e autônomo – se dá por meio da convergência da tecnoteleologia com a própria noção da existência do “eu” arraigada no senso comum. Diante da imensidão do desconhecido e invisível mundo ciberespacial, é automático o apego a formas familiares de pensar, àquelas concebidas na infância, onde o “eu” existe, está na origem dos acontecimentos e detém o controle da situação.<sup>24</sup> Porém, tanto como Emma Bovary, que, buscando atingir o ideal presente no romance, acabou por encontrar apenas fantasmagorias, na busca de legitimação do sujeito através do seu encaixe no padrão estabelecido pela tecnoteleologia, o ciber-relacionamento encontra a falácia da fórmula proposta, o simulacro, a heteronomia. O movimento executado assemelha-se, assim, ao de Emma, ou seja, o movimento “de negar o que procurava afirmar, pois o que encontra é o que de fato o produto pode oferecer: a imediatez de uma sensação intensa”.<sup>25</sup>

<sup>22</sup> Trivinho, E. O mal-estar da teoria, op.cit. p. 76.

<sup>23</sup> Breton, P. “Contre le messianisme technologique”, in *Lápres-television --- Multimedia, virtuel, internet*, Colloque “25 images/seconde”, 5-8 décembre 1996. Disponível em <http://www.monde-diplomatique.fr/md/livre/crac/somm.html>. Acesso em 18 jun 1998.

<sup>24</sup> Sobre a dificuldade de se conviver com a teoria da mente descentralizada, cf. Turkle, S. *O segundo eu: os comportamentos e a experiência humana*. Lisboa: Presença, 1989.

<sup>25</sup> Hossne, op.cit, p. 228

#### 4. Bovarismo virtual

“O Bovarismo não é uma consolação por meio de uma ordem diversa da real, mas uma adesão a essa ordem como se ela fosse real”, explica Hossne.<sup>26</sup> Enquanto Emma acredita que o seu mundo idealizado efetivamente existe em algum lugar além da literatura, a adesão ao ciber-relacionamento (participação em *chats*, por exemplo) supõe a concordância de que é real tudo o que ocorre no ciberespaço. Tanto que os termos “real” e “virtual” não fazem parte do vocabulário usado nestes ambientes: emprega-se “mundo visível” e “mundo invisível”, o que, aliás, é coerente com a primazia adquirida pelo olhar e pela imagem nesta era do “tempo real” em detrimento de todos os demais sentidos e dimensões do humano.

Isto remete ao entendimento de que dois processos estão envolvidos na situação que está sendo caracterizada aqui como Bovarismo: o de simulação e, ao mesmo tempo, o de dissimulação, onde, segundo Baudrillard, dissimular é fingir não ter o que se tem, mas simular não é simplesmente fingir ter o que não se tem: é trazer para o âmbito do real elementos ou aspectos do universo do imaginário. Logo, explica o autor, “fingir, ou dissimular, deixam intacto o princípio de realidade: a diferença continua a ser clara, está apenas disfarçada, enquanto que a simulação põe em causa a diferença do ‘verdadeiro’ e do ‘falso’, do ‘real’ e do ‘imaginário’”.<sup>27</sup>

Assim, compreendido como uma adesão a um universo ficcional tomado como real, o Bovarismo se caracteriza pelo fato de “levar ao uso da imaginação no sentido de criar, de qualquer maneira possível, reproduções do universo idealizado no espaço real”.<sup>28</sup> Emma Bovary dissimula, mentindo para o marido e a sogra, sua adesão ao mundo idealizado e simula sua inserção real no universo imaginado através das relações amorosas com Rodolphe e Léon.

Quanto às ciber-relações, contêm muito do que pode ser chamado de um “Bovarismo virtual”, processo intimamente ligado ao fato de o ciberespaço ser o terreno, por excelência, tanto de “desrealização das aparências sensíveis” como de materialização

---

<sup>26</sup> *Ibidem*, p. 285.

<sup>27</sup> Baudrillard, J. *Simulacros e simulação*, Lisboa: Relógio d'Água, 1991, p. 9-10.

<sup>28</sup> Hossne, op.cit, p. 285.

de imagens.<sup>29</sup> A partir do momento em que se está na tela e o ciberespaço passa a ser o real, a pessoa é reduzida a um conjunto de frases, perdendo todas as demais dimensões, tornando-se um espectro capaz de assumir qualquer configuração, de adquirir qualquer nome, peso, idade, sexo, cor, rosto, progenitores, cultura, valores, passado etc. Ou, antes, torna-se um espaço vazio na tela, onde qualquer coisa pode ser escrita, onde tudo pode ser, porque nada é. Embora haja, então, apenas a autonomização da imagem, é a pessoa que, deslumbrada e desejosa de autonomia, se concebe liberada, integralmente intensa, cheia de possibilidades de auto-realização, ou “mais revelada – de corpo e alma – para si e para o Outro”, como dizem alguns usuários de *chats*. Tal processo desenvolve-se em consonância com aquele pelo qual passa a própria ciência e que é abordado por Virilio numa discussão sobre a simulação e a substituição das noções de superfície, limitação e separação pelas de interface, comutação, intermitência e interrupção: “Com os objetos mentais, o materialismo científico cai em sua própria armadilha e é forçado a reconhecer a densidade àquilo que visivelmente não a possui: às figuras do imaginário, às virtualidades da consciência”.<sup>30</sup>

O processo de imersão na experiência de ciber-relacionamento<sup>31</sup>, somado à possibilidade de anonimato, favorece e viabiliza a dissimulação da identidade. Já a simulação é desencadeada no momento da criação do *nickname*, prosseguindo na construção dos conjuntos de frases que passam a constituir o(s) “eu(s)” alternativo(s) – o “eu imagem”, composto através de descrições onde participam em maior ou menor medida tanto a memória como a imaginação, pois trata-se sempre de um processo de criação, de a carne se fazer verbo. E aí tanto faz se o vazio da tela é preenchido fielmente com os dados do “eu” visível ou dá lugar a composições de identidade completamente diferentes: será de qualquer forma um Outro.

Mesmo admitindo-se a hipótese de uma descrição que expresse, de uma forma extraordinariamente completa, o que o usuário considera o seu “eu verdadeiro”, cada vez que um “eu” é inserido na inforrede torna-se Outro e, tomado o ciberespaço como real, cada Outro se tornará um terceiro na relação com os Outros presentes, pois: 1) a criatura-

---

<sup>29</sup> Sobre a impossibilidade de distinção entre objeto e figura, entre real e simulado, cf. Virilio, *O espaço crítico*, op.cit, p. 88-99.

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 90.

<sup>31</sup> Que em sua forma ideal exige a constituição daquele reino particular preferencialmente instalado na madrugada de luzes apagadas e música tocando baixinho, ou silêncio quebrado apenas pelo barulho do toque nas teclas e pelo leve murmúrio da máquina.

texto é concebida a partir do ponto de vista exclusivo do seu criador (o usuário), num terreno, portanto, onde a fronteira entre o real e o ideal tem contornos pouco nítidos (entre outros fatores, dada a interferência do inconsciente); 2) o processo de escrita implica sempre a constituição de um leitor virtual ou imaginário para quem o texto é dirigido; assim, sendo o “eu” um texto, este é obviamente constituído na relação entre autor e leitor (virtual e real)<sup>32</sup>; 3) “a alteridade é a condição da identidade: os outros constituem dialogicamente o eu que se transforma dialogicamente num outro de novos eus”;<sup>33</sup> assim, sendo os “outros” também “eus virtuais” (textos), esta relação dialógica não poderá resultar senão na constituição de um terceiro, diferente tanto do “eu” real ou visível como do “eu” virtual ou invisível inicialmente concebido .

## 5. Pobres fora

O Bovarismo é algo que, por natureza, está fora do alcance dos pobres, pois a consecução de reproduções do universo idealizado no espaço real exige mais recursos financeiros do que normalmente se dispõe (ninguém idealiza para si uma condição social pior do que a que tem). A principal causa do suicídio de Emma Bovary não é o amor, “que o adultério falha em repor como amor cortês ou romântico, mas a dívida, a falência”<sup>34</sup>, dada a necessidade de recursos financeiros para custear as proezas requeridas pela vida romanesca (desde o revestimento do interior de sua própria casa com cores e padrões próximos dos usados pela aristocracia até a compra de vestidos caros e presentes para os amantes). Assim, a infração maior, a que causa seu desespero, é a quebra do acordo matrimonial burguês, que se fundamenta no aspecto financeiro. Aspecto que faz a “morte”, atualmente, das mocinhas das periferias das grandes cidades que, leitoras da revista “Capricho”, fãs da Sandy, telespectadoras de “Malhação”, se concebem “*pat*”<sup>35</sup>, suicidando-se um pouquinho a cada dia diante da impossibilidade de ter roupas e tênis “de marca”, ser “*fashion*”, frequentar os “*points*” e “baladas” do momento e “ficar” com o garoto mais “popular”.

<sup>32</sup> Sobre o processo de constituição do leitor, cf. Orlandi, E. P. *Discurso e Leitura*, São Paulo: Cortez, 1988.

<sup>33</sup> Faraco, C. A. “O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica”, in Faraco, C. A., Tezza, C. e Castro, G. (org) *Diálogos com Bakhtin*, Curitiba: Editora UFPR, 2001, p. 125.

<sup>34</sup> Hossne, op.cit, p. 176.

<sup>35</sup> Jargão usado pelos adolescentes para designar as “patricinhas”, ao que parece proveniente de um seriado norte-americano exibido pela Rede Globo, onde aparece o “estilo” de vida das mocinhas ricas.

Mas, se o Bovarismo significa para o pobre um caminho que conduz inevitavelmente ao precipício e à morte, o “Bovarismo virtual” significa miragem, pois o precipício se abre diante dos seus pés antes mesmo destes conseguirem tocar a areia movediça. O acesso é inviabilizado, primeiramente, porque os programas de inclusão digital não têm como prover esta possibilidade. O uso compartilhado de computadores em postos de acesso público e gratuito não oferece as condições para a imersão necessária ao desenvolvimento de ciber-relações, dado o limite de tempo de utilização da máquina (que varia entre vinte minutos e uma hora), o constrangimento da presença de outros usuários, funcionários, curiosos etc; e, em alguns casos, a própria proibição oficial deste tipo de uso. Quanto aos programas de financiamento popular para a compra de máquinas, ou de produção de máquinas mais simples e baratas, têm também uma perspectiva limitada de alcance, não conseguindo atingir, no caso de um país como o Brasil, nem um terço da população. Em segundo lugar, o exercício do ciber-relacionamento tem como pré-requisitos qualificações muitas vezes distantes daqueles que não tiveram acesso a um grau, no mínimo, médio de escolaridade, uma vez que exige não apenas bom conhecimento da gramática e da ortografia, mas muita habilidade com a expressão escrita; não apenas boa vontade, mas rapidez de raciocínio e de digitação, criatividade, fluidez na chamada comunicação afetiva (mistura equilibrada de língua falada e escrita, uso de sinais gráficos que atenuam a ausência de som, uso de abreviações e de frases estratégicas, entre outros expedientes) e, principalmente, capacidade de descrição de ações (reais ou fictícias), que é o que dá a formação de imagens por parte do interlocutor, tornando a conversa envolvente o suficiente para manter a relação durante o tempo desejado.

Como má consciência do pós-pós-moderno, poder-se-ia dizer, no entanto, que o não acesso ao Bovarismo virtual significa mais ganho do que perda. Um ganho não em favor da tecnoteleologia, pois esta se afirma por meio daquele; ou seja, o Bovarismo virtual expressa a insuficiência da vida ordinária que precisaria ser (e já estaria sendo) transformada pela própria tecnologia. Um ganho não em benefício da constituição de sujeitos autônomos, pois a autonomia, entendida como o governo ou regulação por si mesmo, ou como o completo domínio do inconsciente pelo consciente, é intrinsecamente impossível. Mas um ganho de energia e tempo para o desenvolvimento da luta permanente contra a heteronomia – tal como entendida por Castoriadis, no nível individual, como “o domínio por um imaginário autonomizado que se arroja a função de definir para o sujeito

tanto a realidade quanto seu desejo”<sup>36</sup> –, assim como a luta pela constituição e reconstrução permanente do sujeito, que é, ao mesmo tempo, produtor e produto, “dado simultâneo de Si e do Outro”,

“... olhar e suporte do olhar, pensamento e suporte do pensamento, é atividade e corpo ativo – corpo material e corpo metafórico. Um olhar no qual não existe já o olhado nada pode ver; um pensamento no qual não existe já o pensado nada pode pensar. O que chamamos suporte não é o simples suporte biológico, é o fato de que um conteúdo qualquer está já sempre presente e não é resíduo, escória, obstáculo ou matéria indiferente mas condição eficiente da atividade do sujeito. Este suporte, este conteúdo, não é nem simplesmente do sujeito, nem simplesmente do outro (ou do mundo). É a união produzida e produtora de si e do outro (ou do mundo)”<sup>37</sup>.

## Referências bibliográficas

- BAUDELAIRE, Charles. *Critique de Madame Bovary*. Disponível em <http://www.wanadoo.fr/jb.guinot/pages/ baudelaire.html> . Acesso em 21 mar 2002.
- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e simulação*. Trad. Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio d’Água, 1991.
- BENJAMIN, Walter. “O narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BRETON, Philippe. “Contre le messianisme technologique”, in *L’après-télévision --- Multimedia, virtuel, internet*, Colloque “25 images/seconde”, 5-8 décembre 1996. Disponível em <http://www.monde-diplomatique.fr/md/livre/crac/somm.html>. Acesso em 18 jun 1998.
- CARVALHO, Bernardo. “Esquizofrenia saudável”, in *Folha de São Paulo*, 30 dez 2000, disponível em <http://www.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq3012200018.htm> . Acesso em 25 mar 2002.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

<sup>36</sup> Castoriadis, C. *A instituição imaginária da sociedade*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p. 124.

<sup>37</sup> *Ibidem*, p. 127.

- FARACO, Carlos Alberto. “O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica”, in Faraco, C. A., Tezza, C. e Castro, G. (org) *Diálogos com Bakhtin*, Curitiba: Editora UFPR, 2001.
- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. São Paulo: Martins Editora, 1970. Tradução de Araújo Nabuco.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HOSSNE, Andrea Saad. *Bovarismo e romance: Madame Bovary e Lady Oracle*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.
- LÉVY, Pierre. “Revolução virtual”, in *Folha mais!*, 16 ago 1998. Disponível em <http://www.uol.com.br/fsp/mais/fs16089803.htm> . Acesso em 20 ago 1998.
- LYOTARD, Jean-François. *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva, 1989.
- MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo, Cultrix, 1999.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Discurso e Leitura*, São Paulo: Cortez, 1988.
- TRIVINHO, Eugênio. *O mal-estar da teoria: a condição da crítica na sociedade tecnológica atual*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Cyberspace: crítica da nova comunicação*. São Paulo: Biblioteca da ECA/USP, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Redes: obliterações no fim de século*. São Paulo: Annablume/FAPESP, 1998.
- TURKLE, Sherry. *O segundo eu: os comportamentos e a experiência humana*. Lisboa: Presença, 1989.
- VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Trad. Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- \_\_\_\_\_. *A inércia polar*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.